

Introdução

“Há pelo menos tantos regimes de conhecimento tradicional quanto existem povos” (CARNEIRO DA CUNHA, 2007, p.78). A partir dessa afirmativa podemos contrapor os saberes tradicionais ao saber científico. Um saber tradicional é localizado, ele não se pretende nem mais nem menos que os outros, tampouco, se quer universal. Estes saberes são e estão constantemente sendo construídos por um grupo de pessoas, uma comunidade, uma sociedade. Ou seja, trata-se de um conhecimento coletivo e gerúndio.

Neste ano de pesquisa, estivemos em contato com diversos grupos de mulheres rurais recortadas por distintos movimentos sociais – MST, MPA, MMC – que desenvolvem trabalhos com plantas medicinais. A partir dessas atividades, essas mulheres buscam compor enredos de luta que lhes proporcionem autonomia às suas demandas cotidianas.

Objetivo

O trabalho buscou observar como mulheres trabalhadoras rurais organizadas em distintas formas de coletividades vêm construindo conhecimentos acerca de suas realidades locais a partir da temática específica das plantas medicinais, que mesclam práticas sociais, em saúde e a mobilização em torno de pautas feministas.



Resultados Preliminares

O tema das plantas medicinais em todos os grupos observados e acompanhados emerge como um importante pano de fundo para a realização de encontros autônomos dessas mulheres. ‘Mexer com as plantas’ se constitui em um ‘fazer feminino’, muitas vezes, facilitador de aprendizagens coletivas que levam à organização e à politização.

Observa-se que, para além da elaboração de remédios e as trocas de mudas e sementes (práticas comuns entre as mulheres), outros temas emergem dos encontros e atividades coletivas, destacam-se:

- 1) a luta contra os transgênicos (Organismos Geneticamente Modificados);
- 2) lutas pela equidade de gênero no meio rural;
- 3) abordagem do tema da violência doméstica contra as mulheres rurais, visando sua desnaturalização e possíveis mecanismos possíveis de combate.

Metodologia

Como instrumentos metodológicos nos valem da Observação Participante durante as estadas em campo, além da realização de algumas entrevistas abertas e conversas informais. No entanto, a principal ferramenta metodológica foi uma cartografia das redes de relações locais. Esses mapas foram construídos pelas próprias mulheres durante os encontros que tivemos com as mesmas.



Referências

- CARNEIRO DA CUNHA, M. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. *Revista da USP*, n.75, p. 76-84, 2007.
- HARAWAY, D. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, n. 5, p. 7-41, 1995.
- SABOURIN, E. Aprendizagem coletiva e construção social do saber local: o caso da inovação na agricultura familiar da Paraíba. *Estudos Sociedade e Agricultura*, n. 6, p. 37-61, 2001.
- SCOTT, J. C. Formas cotidianas da resistência camponesa. *Raízes*, v. 21, n. 1, p. 10-31, 2002.